

LEITURA: OS DIVERSOS OLHARES SOBRE ESSA ATIVIDADE DESAFIADORA DE INTERAÇÃO

Karol Costa Guedes - Graduanda em Letras - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rebeca de Jesus Monteiro Dias - Graduanda em Letras - Universidade Estadual da
Paraíba (UEPB)

RESUMO

Pesquisas e discussões acerca da leitura como objeto de estudo mostram tamanha variedade de focos de análise, visto que, em se tratando de leitura, estudam-se textos e sujeitos, elementos marcadamente importantes na construção do sentido linguístico, que se apresentam de certo modo subjetivos, uma vez que estabelecem na sociedade uma atuação diretamente relacionada com a linguagem. Ao se valer da ideia de que leitura é umas das mais valiosas atividades de interação entre os sujeitos, o presente artigo tem como principal foco refletir sobre a leitura verbal vista como um instrumento de conquista e poder na sociedade, em que leitores e escritores se veem capazes de construir sentidos a partir da credibilidade advinda de seus conhecimentos prévios, vivência de mundo e hipóteses, somados ao texto, de maneira não linear e heterogênea. Ao abordar reflexões acerca dos diversos tipos de leitura, sua relação com outros objetos de interação e desenvolvimento de propostas para a melhoria do tratamento com a leitura nas aulas de língua portuguesa, este trabalho se fundamenta a partir de desenvolvimentos analíticos através de estudos bibliográficos de teóricos como Antunes (2003), Koch (1998), Koch e Travaglia (1989), dentre outros que se debruçam sobre a prática da leitura e outras formas de organização da linguagem.

Palavras-chaves: Leitura, Interação, Linguagem, Língua Portuguesa, Ensino.

1 Introdução

A leitura tem sido, ao longo da História, uma das formas mais importantes na linguagem de que se serve o homem, não só para o conhecimento do mundo, mas também para a expressão, criação e recriação desse saber. O conhecimento e o prazer fundem-se na leitura, impelindo o homem ao equilíbrio psicológico, à aprendizagem da vida e à busca incessante de novas informações e produções. Ao se valer da ideia de que leitura é umas das mais valiosas atividades de interação entre os sujeitos, o presente artigo tem como principal foco refletir sobre a leitura verbal vista como um instrumento de conquista e poder na sociedade, em que leitores e escritores se veem capazes de construir sentidos a partir da credibilidade advinda de seus conhecimentos prévios, vivência de mundo e hipóteses somados ao texto, de maneira não linear e heterogênea.

Ao abordar reflexões acerca dos diversos tipos de leitura, sua relação com outros objetos de interação e desenvolvimento de propostas para a melhoria do tratamento com a leitura nas aulas de língua portuguesa, este trabalho se fundamenta a partir de desenvolvimentos analíticos através de estudos bibliográficos de teóricos como Antunes (2003), Koch (1998), Koch e Travaglia (1989), dentre outros que se debruçam sobre a prática da leitura e outras formas de organização da linguagem.

2 A atividade da leitura e suas raízes teóricas

Pesquisas e discussões acerca da leitura como objeto de estudo mostram tamanha variedade de focos de análise, visto que, em se tratando de leitura, estudam-se texto e sujeitos, elementos marcadamente importantes na construção do sentido linguístico, que se apresentam de certo modo subjetivos, uma vez que estabelecem na sociedade uma atuação diretamente relacionada com a linguagem.

Para tanto, nota-se a necessidade de desenvolver, em primeira instância, conhecimento crítico e amplo a respeito do que é texto, para que, em seguida, seja traçado um percurso ordenado de ideias entre texto, sujeito e leitura, de maneira funcional e eficaz para a formação de leitores críticos e ativos na sociedade.

“O que interessa, assim, ao estudo propriamente linguístico são as formas de organização da linguagem para a realização de fins sociais (o que inclui, evidentemente, o estudo do sistema de signos de que nos valem). Isto é, seu objetivo é verificar como se conseguem realizar determinadas ações ou interagir socialmente através da linguagem.” (KOCH, 1998, p. 13).

Concomitantemente à ideia de Koch (1998), construímos frases, sintagmas, enfim, textos, em situações de interação comunicativa na sociedade. Portanto, será percebido ao longo do trabalho que é através da linguística textual que são percebidas as propostas de um estudo focado no processo comunicativo estabelecido entre o autor, o leitor e o texto em um determinado contexto.

Perpassando olhares sobre o processamento a que se deu a prática de leitura, faz-se imprescindível a informação referente à contribuição que os gregos concederam, segundo Silva (2011), de forma significativa para a consolidação da leitura e da escrita nas sociedades de seu tempo. A habilidade da escrita dava às sociedades um *status* de cultura letrada. Assim como os gregos, os romanos usavam-na para registrar suas leis,

as quais eram postas nos grandes centros urbanos para que todos reconhecessem o estágio cultural da sociedade. Nessa atitude não se percebia preocupação com a prática da leitura por parte da população, mas sim com o efeito que a escrita dava aos governantes. O prestígio da leitura e da escrita cresceu e, por consequência, estabeleceu-se de maneira indispensável para as sociedades de um modo geral.

Nesse contexto social em que viviam os gregos e romanos, são reconhecidos dois tipos de leitores: os leitores ativos e os leitores passivos. Ser leitor ativo significava ser o leitor prático, dominar o código escrito estabelecido e transformá-lo em linguagem oral. Ser leitor passivo significava ouvir alguém decifrando um código escrito. Lia-se a leitura prática do outro. Destarte, desde os primórdios da aquisição da leitura como prática de interação na sociedade, percebe-se o caráter imperioso dessa atividade interativa, mesmo a partir de diferentes formas, com divergentes finalidades.

2.1 Concepções de língua, sujeito, texto e sentido

Segundo Koch e Travaglia (1989), o texto deve ser entendido como uma unidade linguística concreta, tomada pelos usuários da língua, em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente de sua extensão. Conforme explicita Revuz (1982), o sentido de um texto não é jamais interrompido, já que ele se produz nas situações dialógicas ilimitadas que constituem suas leituras possíveis. O autor, instância discursiva de que emana o texto, se mostra e se dilui nas leituras de seu texto: deu-lhe uma significação, imaginou seus interlocutores, mas não domina sozinho o processo de leitura de seu leitor, pois este, por sua vez, reconstrói o texto na sua leitura, atribuindo-lhe a sua (leitor) significação.

A concepção de língua como representação do pensamento tem como correspondente a concepção de sujeito da linguagem como sujeito psicológico, individual, que constrói a representação mental dominando suas ações e seu dizer. Para essa concepção, as pessoas não se expressam bem porque não pensam, e o texto é visto como um produto – lógico – do pensamento do autor, cabendo ao leitor/ouvinte apenas captar essa representação mental, exercendo um papel passivo na construção do sentido.

A concepção de língua como estrutura, ou código – mero instrumento de comunicação – corresponde à concepção de sujeito como pré-determinado pelo sistema, como se não houvesse uma consciência individual e subjetiva por parte do sujeito.

Nessa segunda concepção, o indivíduo falante é afastado do processo de produção, sendo descartados os interlocutores e a situação de uso como determinantes da constituição da língua. O texto é visto como simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, que por sua vez assume um papel na construção do sentido, também, passivo.

Por último, a concepção interacional e dialógica da língua é formada por sujeitos como autores/construtores sociais que concebem o texto como o lugar da interação onde se constroem os sentidos. Adotando essa última concepção de língua, percebe-se que o texto pode ser definido como sendo um objeto da atividade interativa possuidora da produção de sentidos através do diálogo entre textos, entre interlocutores, e entre interlocutores e textos.

2.2 Concepções de leitura

Como se pode observar, texto não é apenas a junção ordenada de palavras escritas em um papel, mas sim objeto de interação, podendo esta ser escrita, oralizada ou até mesmo observada, em que a leitura se utilize apenas do olhar dos sujeitos para a interpretação do sentido dos vários tipos de arte, da melodia de uma música, dos rabiscos desenhados em um quadro, dentre tantas outras formas de texto.

Em consequente a essa ideia, são delineados quatro tipos de possíveis leituras a partir da motivação de que o leitor se utiliza no momento. São elas a leitura como busca de informações; a leitura como estudo do texto; a leitura do texto como pretexto e a leitura por fruição.

Uma “leitura como busca de informações” não precisa ser necessariamente aquela que se faz com jornais ou livros científicos. No chamado texto literário essa forma de interlocução também é possível. Pensa-se, por exemplo, na leitura de romances para extrair deles informação a propósito do ambiente da época, por intermédio dos personagens, da forma como as pessoas encaravam a vida de acordo com os diferentes tipos de cultura e economia. Esse tipo de leitura demonstra a existência de um objetivo anteriormente indicado para pôr em foco o que se deve extrair de tal texto.

Já na leitura desenvolvida a partir da motivação do estudo do texto, é necessário não apenas um objetivo anteriormente indicado, mas a organização mental para a elaboração de um roteiro que facilite seu estudo e compreensão específica acerca da

temática pesquisada, como por exemplo, um roteiro que apresente a tese defendida do texto, os argumentos apresentados em favor da tese defendida, os contra-argumentos levantados em teses contrárias, a coerência entre a tese e os argumentos, e suas considerações acerca de todo o estudo realizado. Essa concepção de leitura é a mais frequente por alunos da academia, cuja maior necessidade volta-se para o estudo de textos específicos.

A leitura como pretexto envolve uma rede muito grande de questões. Pretexto, para o aluno, que, sendo aprendiz, deveria dirigir a sua aprendizagem, nada mais é que um exercício de preenchimento do tempo perdido de algo. Leituras disfuncionais, que só são realizadas com a finalidade de se extrair delas conteúdos referentes à gramática normativa ou à temática moralista, são percebidas pelos alunos da mesma forma que são percebidas pelo professor, quando este tem consciência da sua incapacidade de tornar o texto mais interativo, a partir de uma leitura com objetivos e funcionalidade. De maneira oposta à disfuncional interpretada pelos/para os alunos, pretexto significa, para o professor, em diferentes meios de aprendizagem, um modo de utilização do conhecimento entre o suporte “pretextual” e os conhecimentos outrora adquiridos para o desenvolvimento de novas produções. Nota-se que uma mesma concepção de leitura é capaz de atuar em diferentes meios e a partir de diferentes maneiras e significados.

A leitura por fruição não é excludente, ou seja, ela não é seletiva. O que realmente importa para o leitor encantado pelo que faz são as descobertas que o texto poderá proporcionar. Seja por relaxamento ou por diversão, ou até mesmo por um estudo distraído de cobranças externas, a leitura por fruição desperta no leitor um olhar diferenciado, curioso, atento às novas informações condizentes com suas expectativas. Esse tipo de leitura é um dos mais importantes a ser desenvolvido em crianças que estão produzindo seus primeiros passos como leitores. É mais do que necessário dar liberdade à criança ou adolescente no que diz respeito às leituras divertidas e prazerosas. Certamente, essas leituras fundamentarão uma boa aprendizagem e desenvolvimento mental para a realização de futuras leituras mais formais, com maiores finalidades e com menos diversão.

2.3 Leitura: parte de interação entre os sujeitos

A leitura é a atividade mais comum do dia-a-dia de todos. Contudo, o presente artigo tem como principal foco refletir sobre a leitura verbal vista como um instrumento

de conquista e poder na sociedade, em que leitores e escritores se veem capazes de construir sentidos a partir da credibilidade advinda de seus conhecimentos prévios, vivência de mundo e hipóteses somados ao texto, de maneira não linear e heterogênea.

Segundo Antunes (2003), a leitura como parte da interação verbal escrita implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das intenções pretendidas pelo autor. Dessa forma, os elementos gráficos encontrados no texto funcionam como verdadeiras “instruções” do autor para o bom entendimento das significações e conclusões para o sentido geral que se pode atribuir ao texto. Entretanto, nem todas as informações necessárias para a interpretação eficaz estão presentes naquele único texto, já que seria inviável se tudo tivesse que estar explicitamente posto no texto, prejudicando a imprevisibilidade e novidade que atraem a atenção do leitor. Trata-se, nesse aspecto, da intertextualidade concebida pelo leitor através de seus conhecimentos prévios que se relacionam automaticamente às ideias do texto lido, tornando-o mais funcional.

2.4 Relação entre a leitura e a escrita

Antunes (2003) descreve leitura como uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da escrita, além de envolver diferentes processos e estratégias de realização na dependência de diferentes condições do texto lido e das funções pretendidas com a leitura, dependendo não apenas do contexto linguístico do texto, mas também do contexto extralinguístico de sua produção e circulação.

Além das novas informações que os textos podem disponibilizar para que o leitor se transforme em um fiel escritor, a leitura possibilita a experiência gratuita do prazer estético, para que se destinam os textos literários como romances, contos, crônicas, poemas, dentre outros diversos motivadores ao gosto e encantamento por leituras suaves, responsáveis pela introdução e desenvolvimento da familiarização dos alunos com uma diversidade de textos a serem trabalhados, facilitando a aprendizagem através do interesse pela leitura.

Essa atividade favorece a ampliação dos repertórios de informação do leitor, à medida que incorpora um suporte bastante útil para a atividade de escrita. É fato que para escrever bem, é preciso, antes de tudo, ter o que dizer. Quando aquilo sobre o que

se propõe a escrever é conhecido de maneira bem construída na mente do leitor, este se torna um escritor de relevantes e organizadas ideias.

2.5 Relação entre a leitura e a oralidade

A atividade de leitura permite, ainda, que se compreenda o que é típico da escrita dos textos da comunicação pública de um modo geral: o vocabulário específico de certos gêneros textuais ou de certas áreas do conhecimento e da experiência. Aquele aluno de ensino básico não sentiria dificuldades ao lidar com textos que se utilizam de uma linguagem mais formal e rebuscada ao demonstrar conhecimento prévio referente não apenas ao conteúdo inserido no texto, mas da utilização de diferentes e menos frequentes vocábulos. É dessa forma que a dinâmica da leitura é construída, a partir do alargamento do seu sentido não no “aqui e agora”, mas no “aqui, no antes e no agora”.

A realização da leitura em voz alta em sala de aula é o momento mais propício para as orientações de uma oratória extremamente útil nas diversas áreas de atuação do indivíduo, seja em uma entrevista de emprego, ou na apresentação de um seminário na universidade, ou ainda na exposição de ideias e argumentos a partir de uma linguagem coesa e coerente. Ler pausadamente, com boa pronúncia e observando os sinais de pontuação são recursos iniciais para um bom desempenho da produção oral de textos.

3 Dificuldades com as práticas de leitura na atuação docente

A leitura como atividade complexa e marginalizada é uma característica marcante na Educação Brasileira, em que se percebe o evasivo interesse nos letramentos básicos para a autonomia em uma sociedade tão divergente. Os métodos tradicionais reproduzidos em sala de aula pelos professores de língua portuguesa mostram-se ineficazes pela ausência de funcionalidade socialmente ativa na vivência dos supostos leitores.

Visando apenas ao cumprimento de um ensino mascarado de funcionalidade, a leitura de textos sem autenticidade, incentivada pelos professores, caracteriza a superficialidade de uma docência anti-interativa, cuja função comunicativa não existe de maneira clara, visto que os textos trazidos à sala de aula não aparecem em algum suporte da comunicação social, tornando distante, portanto, a relação entre texto e realidade para o exercício de interpretação e construção de sentidos.

Quando a compreensão e o sentido não são pontos prioritários no estabelecimento interpretativo de um texto, a leitura, que deveria mostrar-se interativa, torna-se apenas um pretexto para o ensino de nomenclaturas e classificações gramaticais, deixando de lado os sinais pragmáticos cuja disponibilidade remete à leitura como sendo o lugar de um encontro entre quem escreveu e quem lê. À medida que se ensina/estuda leitura, a escrita deve ser tratada. Entretanto, a desvinculação entre essas duas atividades dificulta a compreensão de uma relação de interdependência e de intercomplementaridade, o que supõe uma leitura imotivada, sem objetivos que possam despertar nos alunos o interesse à prática da leitura.

Uma leitura inocente, sem criticidade ao que é dito e à maneira do que é dito algo interrompe o processo de aprimoramento dos argumentos críticos dos alunos. Ao fazer a leitura em sala de aula de um texto sem tornar conhecido ao aluno os implícitos e a não neutralidade evocada para a formação de seus sentidos, vem à tona o enfraquecimento da criatividade desses alunos para a produção de ideias críticas e fundamentadas que favoreceriam a compreensão dos implícitos resguardados em novas informações a fim de uma percepção de mundo mais apurada.

3.1 Mais que uma proposta: um desafio

Pode-se apontar uma série de implicações pedagógicas motivadas por princípios fundamentados em funcionalidade e interação para a aquisição dessa imprescindível forma letrada de se estabelecer na sociedade. Tal como acontece na vida fora da escola, as oportunidades de leitura devem se diversificar e propor ao sujeito ações ativas como estratégias motivadoras de interpretação, construção de sentidos e produção textual, seja esta escrita, oral ou não-verbal.

Vale salientar que um dos objetivos que pode ser expandido refere-se às diferenças lexicais e morfossintáticas entre o texto falado de forma coloquial e o texto escrito formal. Na juventude atual, a relação entre a linguagem diária através da internet e a linguagem utilizada em textos formais produzidos na escola se interpela de maneira tremendamente equivocada. Em conformidade a essa perspectiva diversificadora de textos, devem-se fornecer aos alunos oportunidades de lidar com diferentes gêneros textuais, a fim de estabelecer-lhes a convivência com certa diversidade de tipos e gêneros textuais, facilitando a organização e ordenação adequada de ideias na hora de desvendarem os sentidos em um texto para a leitura ou escrita.

Antes de aluno, o aprendiz é sujeito ativo na sociedade. Portanto, cabe ao professor dar credibilidade ao conhecimento prévio adquirido por esses sujeitos, capaz de construir intertextualização nas leituras da escola. Essa leitura que transcende a materialidade do texto adquire um nível maior para o rendimento mais eficaz, dinâmico, interativo e real.

Leitura, antes de tudo, deve ser prazerosa. A reconstrução do sentido que a leitura apresenta para a sociedade brasileira pode ser considerada como um dos mais difíceis desafios para o letramento. Entretanto, sabe-se que é uma estratégia possível e válida, em se tratando do reforço da importância que a leitura apresenta nos níveis mais básicos da educação, para o progresso contínuo do gosto pelo conhecimento e novas descobertas através da leitura.

4. Considerações finais

A atividade de leitura carece do conhecimento de um percurso muito grande e de muitas estratégias por parte dos professores de língua. A escolha pelos professores do texto a ser lido pelos alunos vai desde a obra em que foi publicado originalmente até o material didático em que será realizada a leitura do aluno, o que possivelmente transforma o texto através dos recortes, edições e finalidades a partir das questões elaboradas, tornando descontextualizada a prática de leitura que por fim é proposta em sala de aula. Para tanto, o professor não apenas existe, mas se afirma, na medida em que lida sabiamente com as dificuldades expostas ou restritas a partir de um livro didático, ou pela falta de interesse dos alunos em relação ao tipo textual inserido naquela proposta tradicional, dentre tantos outros fatores contrários ao ensino.

Da mesma forma em que não há ruptura entre os diversos modos de expressão da linguagem, não deve haver ruptura em relação aos modos como os textos e as práticas de leitura são produzidos fora do contexto escolar. A aquisição da atividade de leitura já se mostra dividida e desconexa desde a produção, distribuição e recepção de textos tal como produzida pela cultura impressa. Não é cabível mais um descaso à frágil realidade em que os alunos vivem em relação à leitura. Ler deve ter a ver com prazer; ler deve debruçar-se em instigação para a busca de novos conhecimentos; ler, em seu mais bem completo sentido, deve ser o maior objetivo no ensino de língua portuguesa em sala de aula, pois quem, de fato, lê, delineia novos olhares no tocante aos sentidos existentes no mundo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Aula de português – encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours*. DRLAV- Revue de linguistique, Paris: Centre de recherche de l'Université de Paris VIII

KOCH, Ingedore Vilaça. O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: Contexto, 1998.

KOCH, Ingedore Villaça e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Texto e coerência. São Paulo: Cortez, 1989.

SILVA, Rosa Amélia Pereira. Leitura, necessidade; literatura, prazer. Brasília: 2011.